

## **Ações Empreendedoras e o Imaginário Social: Do Coronel Duarte ao Setor de Transporte de Cargas de Iconha**

**Rodrigo Kuyumjian, João Gualberto Moreira Vasconcellos,  
Marcelo Zandomingue Monti, Sérgio Robert Sant'Anna**

**Resumo** Este artigo tem o objetivo de analisar a presença do Coronel Duarte na formação de Iconha e sua capacidade empreendedora como elemento social-histórico relevante no imaginário local, além de observar possíveis correlações frente à organização empresarial atual do Setor de Transporte de Cargas dessa cidade. Para tal, foram pesquisadas produções bibliográficas sobre a história de Iconha, como, também, realizadas entrevistas semiestruturadas e observações diretas junto às instituições locais do atual Setor de Transporte Rodoviário de Carga. O olhar do filósofo grego Cornelius Castoriadis é, neste artigo, elemento preponderante para elucidação de eventuais correlações; pois, o que se presume haver concluído, aqui, é o fato de que significações imaginárias instituídas, sobretudo em imigrantes italianos residentes em Iconha – entre o final do século XIX e início do XX –, entrelaçadas simbolicamente pelo elemento central do Coronel Duarte, ainda podem ser encontradas na vida de profissionais relacionados ao segmento de transporte de cargas do município, em dias presentes.

**Palavras-chave** Empreendedorismo. Coronelismo. Imigração. Caminhões. Imaginário.

**Abstract** This article aims to analyze the presence of Colonel Duarte in the growth of Iconha and his entrepreneurial skills as an important social-historical element in local imaginary, besides observing possible correlations towards the current business organization of Iconha's Duty Transportation sector. To this end, literature productions were surveyed regarding the history of Iconha. Semi-structured interviews and direct observations with local institutions related to the current Duty Transportation sector were also promoted. The touch of Cornelius Castoriadis, in this article, is a preponderant element to suggest such correlations between the two periods of time. Thus, what is presumed to be concluded, here, is primarily the fact that the instituted imaginary significations can still be found in the lives of professionals involved with the segment of duty transportation in this city at present time, mainly among Italian immigrants

living in Iconha - between the end of the 19<sup>th</sup> century and the beginning of the 20<sup>th</sup> century – symbolically entwined by a central element of Colonel Duarte.

**Keywords** Entrepreneurship. Coronelism. Immigration. Trucks. Imaginary.

## INTRODUÇÃO

Sabe-se que a história de todo e qualquer indivíduo não é, por si só, uma cúpula hermeticamente isolada, isenta de influências, sejam elas diretas ou indiretas. Neste sentido, acredita-se ser de grande valia retroceder na linha cronológica do tempo, especificamente, para resgatar marcantes acontecimentos ocorridos no município de Iconha, Estado do Espírito Santo, ao final do século XIX e início do século XX, onde viveu Antônio José Duarte – o Coronel Duarte.

E, a partir de tal resgate, espera-se observar possíveis conexões entre elementos desse momento histórico (que abrange não apenas a vida do Coronel Duarte, como de centenas de famílias brasileiras e estrangeiras, sobretudo italianas) e certas características empreendedoras de caminhoneiros profissionais do vigente segmento comercial, em Iconha. Município este, aliás, que apresenta, atualmente, o maior número *per capita* de caminhões e assemelhados por habitante do Brasil (IHGI, 2008).

Graças ao imensurável universo das subjetividades, não há, aqui, pretensões de delimitar, se é que existe possibilidade para tal, um encadeamento (ou desencadeamento) quase matemático com precisões raras a respeito do objeto de estudo. Estudo este não intenta afirmar, categoricamente, ou sequer provar, nem ao leitor nem tampouco à comunidade científica em geral, que evidências de momentos do passado determinam, inquestionável e inexoravelmente, comportamentos de gerações futuras, em um mesmo espaço geográfico de certa região ou país.

Todavia, não se pode, de forma simplista, ignorar a transmissão de costumes, valores, regras, crenças ou mesmo significações imaginárias construídas na e pela sociedade. Assim sendo, o elemento central deste artigo, o Coronel Duarte, entalha na história de Iconha seus vincos profundos de pró-atividade e arrojo, sempre sustentados (no sentido de existência) pela população que os constroem. População tal, com elevado percentual de indivíduos italianos que, naturalmente, produzem descendentes, os quais, por sua vez, podem, sem dificuldades hercúleas, haver herdado características ou mesmo percepções de seus antecessores.

Desta forma, o artigo em questão subdivide-se em quatro partes. No primeiro momento, “O Coronelismo - A Invenção do Coronel”, faz-se de forma breve uma explanação da figura dos coronéis brasileiros – sujeitos marcantes durante os períodos do Brasil Colônia, Império e início da República. O segundo bloco, o maior de todos, descreve historicamente a trajetória do Coronel Duarte, suas benfeitorias, suas habilidades comerciais e mercantis,

seus títulos, sua articulação política, econômica, social e cultural no Estado do Espírito Santo, sobretudo, no município de Iconha: “O empreendedorismo do Coronel Antônio Duarte”. A terceira parte avança algumas décadas na história de Iconha e traz informações sobre o segmento atual de transportes de cargas (caminhões) desse município capixaba: “Iconha nos Dias Atuais: O Setor de Transporte Rodoviário de Cargas”. E, por fim, a “Conclusão”, amparada pelo olhar de Cornelius Castoriadis – o qual também marca presença nos três blocos já supracitados –, permite tanto aos leitores deste documento, como a seus autores, arquitetarem suas percepções e factíveis interpretações das conexões sociais-históricas costuradas pelas imprevisíveis linhas, por vezes tênues, por vezes adensadas, do simbolismo social e das significações imaginárias que desenham a vida humana na criação do tempo.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho consiste numa aproximação entre o resgate da pessoa e dos feitos do Coronel Duarte, entre o final do século XIX e início do XX, como figura elementar no processo social-histórico de Iconha (seus empreendimentos e habilidades mercantis) e eventuais correlações à capacidade empreendedora dos elementos participantes do atual setor de transporte de cargas, dessa cidade do Estado do Espírito Santo.

Quanto aos procedimentos metodológicos, há que se considerarem dois aspectos. O primeiro trata do caráter de pesquisa bibliográfica. Assim, duas dissertações, dois livros sobre a história local e outras produções e informações disponibilizadas pelo Instituto Histórico e Geográfico de Iconha foram utilizados para o resgate histórico do Coronel Duarte. O segundo trata das aproximações realizadas junto ao Setor de Transporte de Cargas, as quais se deram pela participação em organizações coletivas que representam o setor, especialmente, reuniões de diretoria. Desta maneira, foram realizadas dez entrevistas semi-estruturadas, formais, com representantes do Setor de Transporte Rodoviário de Cargas, sendo duas com caminhoneiros, dentre elas o presidente da COOPATRIA (Cooperativa dos Profissionais Automotivos do Transporte Rodoviário de Iconha e Adjacências) e oito entrevistas com empresários, dentre os quais participaram presidentes e ex-presidentes da ASTRAC (Associação Sul Litorânea dos Transportadores de Carga) e da ASCAMES (Associação dos Caminhoneiros do Sul do Estado do Espírito Santo); além dos pioneiros no transporte de cargas, os senhores Aldite Donatelli e Vergílio Veronez, e o vereador de Iconha, Lauromir Gobetti. Por fim, ainda no que diz respeito ao percurso metodológico, especificamente em relação à análise dos dados, é relevante apontar que as fontes de informações e os assuntos vinculados aos objetos de pesquisa foram identificados e organizados em conjuntos, ou seja, em categorias, dentro do escopo que Bardin (2006) denomina como “análise temática”.

## **O CORONELISMO: A INVENÇÃO DO CORONEL**

De acordo com Castoriadis (1982), a busca pela elucidação de contextos da história do homem só faz algum sentido a partir, justamente, da compreensão de realidades vigentes, as

quais são e estão indissociáveis do ‘fazer’ atual:

o fato de que isso nos leve inevitavelmente a reinterpretar e a recriar o passado, pode ser deplorado por alguns e denunciado como um ‘canibalismo espiritual pior que o outro’. Nós, como eles, nada podemos contra isso, assim como não podemos impedir que nosso alimento contenha, em proporção constantemente crescente, os elementos que compunham o corpo de nossos ancestrais há mais de trinta mil gerações. (CASTORIADIS, 1982, p. 197).

Na remontagem do nascimento do coronelismo no Brasil, observa-se que suas origens se dão durante o período da colonização do país, mediante a divisão do solo nacional em Capitanias Hereditárias e, por conseguinte, daqueles que as herdavam: o ‘donatário’ (PRADO JR., 1986). Estes logo assumiram cadeiras de destaque no imaginário de muitos contemporâneos brasileiros e estrangeiros que aqui residiam. Fortalece-se, portanto, a figura dos estereotipados ‘senhores’, intitulados, posteriormente, ‘coronéis’ (VASCONCELLOS, 1995).

Para Castoriadis (1982), existe relação entre aquilo que está instituído nas (e pelas) sociedades e a estrutura da personalidade dos indivíduos. A instituição social da diferença, por sua vez, é reproduzida na organização psíquica do homem. E, por meio da linguagem, este homem acaba por integrar um mundo estruturado hierarquicamente. Aliás, para França (1996), um indivíduo não se posiciona frente a outro apenas de modo diferente, mas sim, como superior ou inferior, com a ressalva, no entanto, de poder ocorrer inversões de papéis, ao longo do tempo.

Posto isto, o elemento ‘coronel’ ocuparia, portanto, posição elevada na pirâmide hierárquica imaginária de milhares de moradores nativos e imigrantes do Brasil, majoritariamente, entre o final do século XIX e o início do XX (VASCONCELLOS, 1995).

Vale lembrar que, durante esse período, a sociedade vigente foi impactada, de forma significativa, pelo comportamento dos colonizadores portugueses, os quais possuíam acentuada capacidade de interagir com diferentes povos. No Brasil, tal fato culminou, inclusive, na formação de uma sociedade mestiça, sobretudo, a partir de 1532, resultando em um longo período de *contatos estreitos* entre portugueses e os habitantes locais – nativos ou estrangeiros (VASCONCELLOS, 1995).

Em termos gerais, os coronéis eram senhores de engenho ou detentores de latifúndios os quais se faziam presentes de modo emblemático nos espectros político, econômico e social das populações conectadas, direta ou indiretamente, a eles (VASCONCELLOS, 1995). O latifundiário, em um contexto aristocrático, detinha não somente a riqueza material, mas, principalmente, poder e autoridade. Sua figura marcante exercia explícito domínio até mesmo nas escolhas de profissões, amizades e casamentos de membros da sociedade local. O respeito e o prestígio atribuídos aos coronéis foram fatores que, inevitavelmente,

influenciaram percepções e comportamentos de contemporâneos das capitanias brasileiras (VASCONCELLOS, 1995).

Tais senhores, para Vasconcellos (1995), foram, efetivamente, criadores de códigos de comportamentos sociais “brasileiros” dentro de uma sociedade regida por poucas, porém grandes, famílias oligárquicas. Neste contexto, é providencial o pensamento de Castoriadis (1982) a respeito das Instituições Imaginárias da Sociedade:

Este elemento, que dá a funcionalidade de cada sistema institucional, sua orientação específica, que sobredetermina a escolha e as conexões das redes simbólicas, criação de cada época histórica, sua singular maneira de viver, de ver e de fazer sua própria existência, seu mundo e suas relações com ele, esse estruturante originário, esse significado-significante central, fonte do que se dá cada vez como sentido indiscutível e indiscutido suporte das articulações e das distinções do que importa e do que não importa, origem do aumento da existência dos objetos de investimento prático, afetivo e intelectual, individual ou coletivo, este elemento nada mais é do que o imaginário da sociedade ou da época considerada. (CASTORIADIS, 1982, p. 165).

Com base no autor supracitado, Vasconcellos (1995) define o coronelismo como sendo uma das principais instituições imaginárias da sociedade brasileira:

Foi a instituição imaginária que permitiu durante longo tempo a existência histórica dos mais diversos personagens políticos, dotando-os de significação. A sobrevivência do coronelismo até hoje é devida à profunda impregnação das práticas sociopolíticas brasileiras pelo imaginário do coronel. (VASCONCELLOS, 1995, p. 15).

Conforme já apontado anteriormente, para Vasconcellos (1995), o alcance dos coronéis não se restringia, portanto, ao poderio econômico e político. Além de desconhecer fronteiras entre os âmbitos público e privado, tal alcance abrangia distintas esferas do relacionamento humano, como, por exemplo, a vida cultural e religiosa das comunidades, permeadas também por afeto e sentimentos.

Enfim, em um cenário rural, de infraestrutura rudimentar, onde ásperas realidades ditavam os dias de populações marcadas pela escassez, incontáveis coronéis, ao longo do vasto território brasileiro, não apenas cravaram presença na psique de indivíduos e sociedades por estes instituídas, como, também, escreveram seus nomes nas páginas do tempo social-histórico do país.

## O EMPREENDEDORISMO DO CORONEL ANTÔNIO DUARTE

Se comparado ao restante da Região Sudeste do Brasil, o processo de ocupação e colonização em Iconha ocorreu tardiamente (PANDOLFI; VASCONCELLOS, 2005), assim como em todo o Espírito Santo. As primeiras tentativas de ocupação aconteceram no início da segunda metade do século XIX, inicialmente, com um grupo de alemães e, momentos depois, com um grupo de ingleses, liderado pelo construtor e engenheiro Thomaz Dutton Junior, entre 1850 e 1860, o qual adquire terras em Piúma e no alto Rio Iconha. Dutton tinha o objetivo de “urbanizar Piúma e transformar a vila no centro exportador da produção do interior do Rio Iconha, onde hoje é o município de Iconha e seu interior” (IHGI, 2008). De fato, os ingleses se tornaram os pioneiros na colonização de Iconha e Piúma (PANDOLFI, 2007).

construiu um trapiche (porto) em Piúma e contribuiu para o crescimento da vila (Piúma) criando escola, iluminação pública e trazendo ingleses para a região [...] Seu objetivo era que Piúma fosse um grande centro urbano comercial [...] Dutton adquire terras onde hoje é a localidade de Monte Belo em Iconha e cria ali uma fazenda com mão de obra escrava e de imigrantes ingleses. Era produzido, principalmente, café e a extração de madeira. Tudo era levado para Piúma onde era embarcado para Rio de Janeiro ou Vitória. (IHGI, 2008, CD-ROM).

Assim, a Vila de Iconha começa a surgir em decorrência desse processo de ocupação, balizado pela exploração florestal, agricultura incipiente e comercialização para centros consumidores. No entanto, fracassaram os objetivos do inglês em fazer com que a região se tornasse um grande pólo produtor e exportador. Os empreendimentos construídos por Dutton em Iconha foram adquiridos por José Gonçalves da Costa Beiriz e seu sócio Antônio José Duarte, o Coronel Duarte. Beiriz e Duarte eram portugueses que haviam se instalado na região durante as décadas de 1860 e 1870 e explorado o comércio em Piúma, Benevente – hoje Anchieta – e Iconha (CAPRINI, 2007). Ao se mudarem para Iconha, primeiro Beiriz, depois seu sócio Duarte, começaram a promover ações baseadas em empreendimentos mercantis, polarizados na Casa Comercial.

Nas duas últimas décadas do século XIX, Iconha e Piúma, especialmente a primeira, passam por intensas transformações econômicas, políticas e sociais devido ao povoamento do interior, à cultura do café e ao desenvolvimento da Casa Comercial Duarte e Beiriz, que foi o centro polarizador das mudanças na região. (CAPRINI, 2007, p. 63).

Duarte e Beiriz monopolizaram, naquelas duas décadas, a posse das terras do que é hoje a cidade de Iconha: “tomando como referência o município de Iconha na atualidade, era de sua propriedade – Duarte e Beiriz – grande parte do território” (CAPRINI, 2007, p.71). E, neste período, enquanto as terras pertenciam a Duarte e Beiriz, poucos lotes seriam

destinados à agricultura. Uma considerável parte destas terras era cobertas por florestas e, por conseguinte, explorava-se madeira.

Os negócios de compra e venda de terras foram de expressiva valia à Casa Comercial, pertencente aos sócios portugueses, pois, ao venderem as terras em lotes, após tê-las adquiridas de fazendeiros falidos, eles puderam auferir grandes lucros. É válido destacar que a atuação do Coronel Duarte se confunde com a imigração italiana na região, sendo os italianos os principais compradores das terras loteadas e financiadas pela Firma Duarte e Beiriz (Cavati, 1973).

O fato de ter o imigrante acesso à propriedade da terra aqui no Espírito Santo, e, portanto não precisar trabalhar na terra de outrem, acabava por deixar o fazendeiro sem mão de obra para ampliar suas propriedades ou mesmo manter as que já possuía, visto que a falta de braços verificada com o advento da abolição foi grande. (CAMPOS JÚNIOR, 1996, p. 80-81)

Além disso, os poucos fazendeiros que trouxeram imigrantes diretamente para suas propriedades o fizeram com ônus, pois os estímulos maiores se concentravam nos Estados mais importantes. Mesmo assim, os fazendeiros capixabas não tinham acesso às discussões travadas em âmbito nacional e tampouco possuíam força política junto ao governo local. Como consequência, observou-se, após 1888, o desaparecimento de grande número de fazendas escravistas (CAMPOS JÚNIOR, 1996). As que conseguiram se manter acabaram por instituir o regime de parceria. Contudo, tal fato acabou por se tornar uma medida temporária. Se, de um lado, os fazendeiros tinham de oferecer muitas vantagens ao imigrante a ponto, inclusive, de abdicar do posto de proprietário, por outro lado, as vantagens oferecidas abreviavam a permanência dos imigrantes nas fazendas, porque mais cedo reuniriam recursos para obter suas próprias terras. E, na medida em que os fazendeiros oferecessem maiores vantagens aos imigrantes, o lucro obtido seria menor, o que poderia até vir a comprometer o funcionamento de seu estabelecimento (CAMPOS JÚNIOR, 1996).

Segundo Castro (2003), em Iconha, foi criado um mecanismo por meio do qual os proprietários de terra vendiam frações dela aos imigrantes italianos e transformavam-se em comerciantes pela compra do café produzido pelos italianos.

propriedade Olaria (em 1879) [...] fixando ali 33 famílias, em sua maioria, italianas [...] “Em 1880 Beiriz comprou a propriedade Tocaia e dividiu-a, levando para ali 17 famílias (de italianos)”. “Em 1888 a firma Duarte e Beiriz comprou uma propriedade rural na localidade de Duas Barras, ainda em mata virgem [...] dividiram-na em lotes e neles assentou 50 famílias italianas”. [...] “Em 1890 Beiriz comprou a propriedade na localidade de Crubixá, estabelecendo nelas 30 famílias italianas, vendendo-lhes terras e fornecendo-lhes gêneros alimentícios nas mesmas condições anteriores”, [...] “Em 1901 o mesmo Beiriz comprou a Fazenda Monte Belo, fixando ali mais de 400 famílias italianas,

ainda pelo mesmo processo de prazo e fornecimento de bens de consumo”. [...] Em 1911 o Coronel Duarte (Beiriz já falecido) [...] comprou 30 alqueires de terra no lugar denominado córrego dos Lopes, estabelecendo 10 famílias italianas com as mesmas condições de crédito. Em 1914, o mesmo Coronel Duarte comprou 650 alqueires de terras das fazendas Jaracatiá e Pongal, onde colocou mais de 50 famílias, em sua maioria, italianas e descendentes destas. (CASTRO, 2003, p. 73-74).

A firma Duarte e Beiriz, como indica Cavati (1973), estabeleceu um número superior a seiscentas famílias européias, na região de Iconha. Os italianos compravam as terras a crédito na dependência de pagá-las com futuras colheitas do café. Ao comprar as terras em mata virgem, os imigrantes “teriam que derrubar a mata, esperar a produção, colher e entregar na Casa Comercial Duarte e Beiriz para abater as dívidas das terras” (CAPRINI, 2007, p. 70). Os imigrantes, “além de dever as terras, também compravam fiado na firma, o que aumentava seus débitos, além dos juros” (CAPRINI, 2007, p. 71).

A Casa de Comércio era o centro polarizador da Vila de Iconha.

O comércio atuava na venda de gêneros alimentícios, ferramentas, tecidos, querosene e utensílios, que na época eram denominados ‘secos e molhados’ e comprava a produção de café e revendia para exportadores, além da venda de terras. (CAPRINI, 2007, p. 69).

As atividades mercantis da Firma Duarte e Beiriz eram apoiadas pelos três vapores de pequena cabotagem que navegavam, transportando passageiros e mercadorias, do porto de Piúma a Vitória, Anchieta, Guarapari e Rio de Janeiro (SIMÃO, 1991).

Essa força comercial possibilitou, a partir do final do século XIX, a transição da grande fazenda para as pequenas propriedades, marcando, igualmente, a transição da mão de obra escrava para o trabalho livre, e, conseqüentemente, a formação de uma nova base de produção organizada em pequenas propriedades, como bem descrita por Campos Júnior (1996).

O desenvolvimento da Vila de Iconha foi acompanhado pela formação de uma oligarquia, liderada pelo comerciante Coronel Antônio José Duarte. A organização social do período de 1889 a 1915 – a oligarquia local – desenvolveu-se em torno do comércio e da agricultura fundamentada em pequenas propriedades estiladas pelo próprio Duarte (CAVATI, 1973).

Caprini (2007) considera que, para entender a cultura política do coronelismo de Iconha, é necessário estar atento ao “fato de que a região apresenta aspectos peculiares devido à condição do poder político estar atrelada ao comércio em uma estrutura agrária de pequena propriedade e, ao mesmo tempo, exhibe aspectos clássicos da prática coronelística” (CAPRINI, 2007, p. 101).



A atividade mercantil explorada pela Casa Comercial e a adesão dos imigrantes italianos a este tipo de negócio dá uma dimensão da precariedade das colônias oferecidas pelo governo. Era mais seguro financiar terras, dinheiro e alimentos com a firma Duarte e Beiriz do que viver e sobreviver a partir das condições oferecidas pelos governos nas colônias oficiais. Esse processo de aquisição de terras ocorreu desde que os primeiros italianos se dirigiram para Iconha (CASTRO, 2003).

Ainda, de acordo com Caprini (2007), o poder simbólico do coronel Duarte pode ser percebido pelas suas relações com a sociedade local; pelas benfeitorias realizadas; pela dependência da população em relação à Casa de Comércio; pelos cargos políticos; pela visibilidade que tais condições lhe davam, somada à autopromoção conferida por meio de publicação de almanaques e informativos, além de uma autobiografia. Esses meios de comunicação, ao transmitir informações úteis, sobretudo aos agricultores, promoviam sua imagem pessoal como, também, a imagem de seus negócios.

Dentre as principais realizações, é pertinente enfatizar as seguintes: a Casa de Comércio – a qual mantinha estreito vínculo com agricultores, mediante razões como o financiamento na aquisição dos lotes, a compra fiada de utensílios e equipamentos ou a venda de café ao único comprador da região; a função de conselheiro, uma vez que Duarte era um dos elementos com maior articulação na região; as doações de terras para construção de obras públicas (como ruas, cemitérios, praças, igreja e escolas); a imponência de suas construções (a exemplo das casas de comércio na sede e nas localidades de Piúma, Monte Belo e Duas Barras); e a promoção de bailes e recepções em suas dependências para a elite local e para visitantes (CAVATI, 1973).

Ainda, para melhor compreender a dimensão de tal articulação, são aqui apresentados os cargos públicos, além de outras atribuições conferidas ao Coronel Duarte: Subdelegado de Polícia, Iconha 1890; Agente do Correio, Iconha, 1890; Presidente da Comissão Censitária, Iconha, 1890; Primeiro Suplente de Delegado de Polícia, Iconha, 1891; Governador Municipal, Piúma, 1896 (Iconha era distrito); Tenente Coronel Comandante do 56º batalhão da Guarda Nacional, Piúma, 1898; 2º Suplente do Delegado de Polícia, Piúma, 1898; 1º Juiz Distrital, Iconha, 1900; Coronel, Comandante da 20ª brigada da Guarda Nacional, Piúma, 1900; Membro Honorário do Supremo Conselho do Brasil, Rio de Janeiro, 1901; Delegado de Higiene, Piúma, 1902; Comanda do Mérito Industrial, Portugal, 1903; Governador Municipal – 1º Juiz Distrital, Iconha, 1904; 2º Suplente do Juiz de Direito, Anchieta, 1916; 1º Juiz Distrital, Iconha, 1908; Presidente do Governo Municipal, Iconha, 1908; Presidente da Câmara Municipal, Iconha, 1908-1912; reeleito Presidente da Câmara Municipal, Iconha, 1912-1916; Prefeito Municipal, Iconha, 1918-1920; sócio da Caixa de Socorros, D. Pedro V, desde 1903; e Delegado Regional da Liga Marítima Brasileira, 1908 (SIMÃO, 1991).

Duarte, também, se relacionava com as sociedades maçônicas da região, onde obteve vários níveis de aprendizado. Dentre as lojas maçônicas que participou, alcançou o Grau 3 pela Loja Aliança Fraternal, Guarapari, 1897; o Grau 18 na Loja União e Progresso, Vitória, 1898;

o Grau 30 pela Loja União e Progresso, Vitória, 1899; o Grau 33 da Loja Itapemirinese, Itapemirim, 1901; Benemérito da Loja Luz Universal, Anchieta, 1901; Membro Honorário da Loja Adopção Theodora, Itapemirim, 1902; e, também, sócio da Sociedade Portuguesa de Beneficência do Rio de Janeiro, desde 1871. Talvez, seja possível dizer, portanto, que o Coronel Duarte era a representação mais explícita do poder em Iconha (SIMÃO, 1991).

Ainda segundo Simão (1991), o progressista Coronel Duarte empenhou grandes aportes financeiros em serviços na capital Vitória, dentre os quais se destacam: a construção de 28 casas no Parque Moscoso; o Aterro do pântano de Campinho (região do Parque Moscoso); a construção do Hospital da Santa Casa de Misericórdia; a construção do porto de desinfecção; o prolongamento da linha de bonde até o Arrabalde de Santo Antônio; a instalação de bondes elétricos por toda a cidade (é válido ressaltar que, naquela época, a cidade concentrava-se no que, atualmente, é o centro de Vitória); a drenagem para o saneamento da Vila Moscoso; a reconstrução do Palácio das Escolas, a sede da Escola Normal e a Escola Modelo; além de todas as obras do Governo Jerônimo Monteiro (1908-1912), de quem era, por todas as evidências, grande aliado.

Em sua influência local, no entanto, aspectos peculiares o diferenciavam. Em Iconha, o Coronel Duarte estimulou uma espécie de reforma agrária local ao comercializar suas terras em pequenos lotes aos imigrantes italianos, ou seja, promoveu o surgimento de pequenas propriedades. Apesar da forte dependência, como apresentado por Caprini (2007), o empenho dos italianos, como será discutido a seguir, os conduz a serem possuidores de suas próprias terras desde a primeira geração de descendentes, consolidando-se na terceira geração.

Outro aspecto defendido por Caprini (2007, p. 108) consiste em que “não se pode ignorar o fato de que Duarte tinha intenção de instruir a população e proporcionar uma abertura de mentalidade – em um momento da história em que as elites não se preocupavam com informações”. O Coronel Duarte fundou o “Jornal Eco da Lavoura com a finalidade de divulgar novas ideias e conhecimentos, bem como estimular o comércio via anúncios”. [...] “Em 1902, ele criou a biblioteca municipal que possuía, além de livros, jornais diários e revistas a disposição da população” (CAPRINI, 2007, p. 105). Tais peculiaridades, ao mesmo tempo em que davam visibilidade e poder ao Coronel, também propiciaram oportunidades de acesso à informação à população de uma região com predominância de imigrantes italianos, os quais se espelhavam em um homem de poder. “Ele era o que eles (os imigrantes) queriam ser e vieram buscar aqui” (CAPRINI, 2007, p. 108).

Assim sendo, ao recorrer às ponderações de Castoriadis (1987), é possível observar que o processo da construção individual e coletiva (sociedade) se opera por meio de uma via de mão dupla, em que se está longe de obter a descoberta da origem precisa dos fatos. Observa-se, sim, a sua perpetuação ou cristalização. Castoriadis (1987) ainda assinala que:

Toda sociedade instaura, cria seu próprio mundo, no qual, evidentemente,

ela se inclui. Do mesmo modo que para o ser vivo, é a ‘organização’ própria (significações e instituição) da sociedade que define, por exemplo, o que é para a sociedade considerada, ‘informação’, o que é ‘ruído’ e o que não é absolutamente nada; ou a ‘relevância’, o ‘peso’, o ‘valor’ e o ‘sentido’ da ‘informação’; ou o ‘programa’ de elaboração de – e de resposta a – uma ‘informação’ dada etc. Em suma, é a instituição da sociedade que determina o que não é ‘real’, o que tem ‘sentido’ e o que é desprovido dele. [...] Toda sociedade é uma construção, uma constituição, uma criação de um mundo, de seu mundo próprio. Sua própria identidade nada mais é que esse ‘sistema de interpretação’, esse mundo que ela cria. (CASTORIADIS, 1987, p. 240-241).

As práticas coronelísticas estavam presentes na cultura política da Vila de Iconha. Caprini (2007) enfatiza a presença do “coronel de verdade” na pessoa de Duarte e no grupo hegemônico, praticamente sem oposição, o qual dominava a Vila no que tange às atividades econômicas, sociais e políticas. O clientelismo, o paternalismo, as fraudes eleitorais, as trocas de favores, a ocupação de cargos estratégicos ou a indicação de pessoas de confiança e cativas para ocupá-los são pontos unânimes, tanto no coronelismo brasileiro, quanto nas peculiaridades de Iconha. No entanto, é de grande valia salientar a existência de uma capacidade empreendedora, uma visão de transformar a Vila de Iconha, além de notáveis atividades mercantis.

O Coronel Duarte viveu em Iconha com sua família até 1930, quando se mudou para o Rio de Janeiro. Veio a falecer em 15 de setembro de 1937. A firma Duarte e Beiriz, assim como suas atividades mercantis, incluindo-se o transporte de cabotagem e os portos de Benevente, Piúma e Itapemirim, começaram a decair quando a Estrada de Ferro que liga Vitória ao Rio de Janeiro deu impulso à vida social e comercial nos municípios de Alfredo Chaves, Vargem Alta, e Cachoeiro de Itapemirim. Desta maneira, transferiam-se para essas localidades os centros de entrepostos e comercialização de mercadorias (CASTRO, 2003).

## **ICONHA NOS DIAS ATUAIS: O SETOR DE TRANSPORTE RODOVIÁRIO DE CARGAS**

Entre as décadas de 1920 e de 1970, a principal atividade econômica do município era o cultivo do café – um importante produto da localidade, até os dias de hoje. Todavia, cabe ressaltar que, ao longo desse período, o café representou o principal produto agrícola não somente em Iconha, como, também, em outros inúmeros municípios capixabas, até a crise dos anos 1960 (ENTREVISTADO 1).

Já na década de 1980, a banana ganhou espaço na economia da cidade, tornando-se, então, o produto mais importante de sua produção agrícola. O município recebe, inclusive, o apelido de “terra da banana”. Na década de 1990, pragas impediram a continuidade de um cultivo mais intenso. Hoje, tais atividades agrícolas ainda se fazem presentes nas propriedades rurais de Iconha, compondo, juntamente com a pecuária leiteira, as atividades mais expressivas do

meio rural (ENTREVISTADO 1).

Por sua vez, na década de 1990, o transporte rodoviário de cargas desponta como principal atividade econômica. No entanto, os pioneiros desse segmento já haviam iniciado tal atividade na década de 1950. Atualmente, Iconha é o município do Brasil que concentra o maior número per capita de caminhões e assemelhados por habitante (ENTREVISTADO 3). O Entrevistado 3 relata, ainda, que, de acordo com levantamentos recentes, a frota é de aproximadamente 3.500 caminhões e assemelhados, distribuída entre trinta e nove empresas, além de caminhoneiros autônomos da cidade, de tal modo que acaba por ser denominada, por muitos, como a “Terra dos Caminhões”.

Iconha ostenta, hoje, 40 empresas de transporte rodoviário de cargas. Além das associações e cooperativa, conta também com empresas fornecedoras de produtos e serviços: são três montadoras de carrocerias de madeira, cinco lojas de autopeças, uma recauchutadora, cinco postos de combustível, cinco agências bancárias de bandeiras diferentes – número acima da média em relação aos municípios com população semelhante no Espírito Santo (ENTREVISTADO 5). Há, ainda, representantes de seguros e oficinas mecânicas. Dentre essas oficinas, destacam-se os postos de molas, os quais prestam serviços exclusivamente para caminhões, e a recém-implantada oficina com inovadora montagem do segundo eixo dianteiro (eixo direcional) em caminhões e terceiro eixo de carrocerias (ENTREVISTADO 2).

Todavia, a organização do Setor de Transporte Rodoviário de Cargas não é apenas fruto de ações atemporais, isentas de história e cultura. O próprio desenvolvimento econômico não pode ser visto como algo solto, desconectado e imune às dimensões históricas, sociais e políticas. O desenvolvimento econômico é, igualmente, produto de relações complexas entre as lógicas de mercado, as interpretações que os atores fazem dessas regras e a forma como resolvem os problemas situacionais decorrentes de tais regras, a partir de um conjunto de crenças e valores impregnados de história e cultura.

Neste sentido, torna-se ainda de grande valia registrar que o imigrante italiano – o qual no início do século XX era o “elemento novo” – representa, em dias atuais, por meio de seus descendentes, 90% da população do município em questão, inclusive, entre os empresários do transporte (IHGI, 2008). Uma breve leitura de estatutos das associações e cooperativa do segmento dos transportes de Iconha dá a forte dimensão da presença italiana no local, já que quase todos possuem sobrenomes italianos. Do grupo fundador da cooperativa COOPATRIA, 39 possuem pelo menos um sobrenome italiano, entre um total de 53.

Assim, tentar compreender as relações sociais vigentes de toda e qualquer população implica em vasculhar ou investigar o que é reproduzido, inexoravelmente, entre as costuras do tecido social-histórico, do qual aponta Castoriadis (1982, 1987, 2004) em suas reflexões.

## CONCLUSÕES

A Vila de Iconha desenvolveu-se quase que simultaneamente com o crescimento político e econômico do Coronel Duarte e com a chegada dos imigrantes italianos que se estabeleceram nas comunidades agrícolas. As atividades dos imigrantes italianos descritas nos estudos realizados no Espírito Santo, principalmente, pautadas pela coletividade e ajudas mútuas e baseadas no trabalho e na família, se reproduziram ao lado da centralidade econômica liderada pelo Coronel Antônio Duarte.

Considera-se, aqui, que o empreendedorismo presente entre os imigrantes italianos se reproduziu na Vila de Iconha e nas comunidades onde se estabeleceram os imigrantes, diante de uma relação direta com um capital mercantil local que o Coronel Duarte empreendia.

Esse capital mercantil é uma herança que contribui, somado à sociabilidade dos imigrantes italianos, à organização social de Iconha. O Setor de Transporte Rodoviário de Cargas é uma expressão da vontade dos descendentes de italianos de construir a vida nos novos tempos e também, muito possivelmente, um vestígio espelhado na ação mercantil que Iconha já havia presenciado, por meio de seus antecessores.

Durante os intensos anos da vida profissional de Antônio José Duarte não se encontram dúvidas a respeito de suas habilidades de negócios e ousadia empreendedora; adjetivos estes que foram naturalmente vivenciados e, de diferentes maneiras, internalizados pela população local de Iconha, ou seja, brasileiros, portugueses, italianos etc.

O fato é que, em linhas gerais, descendentes sucedem aqueles que os criam por meio de um convívio muitas vezes estreito, cujos valores e costumes são transmitidos pela educação formal e informal, atitudes, mimetismo, induções voluntárias e/ou involuntárias. Enfim, por diversas naturezas de linguagem.

Corroborar-se com a compreensão de Castoriadis (1982) quando este afirma:

*A história só existe na e pela linguagem (todas as espécies de linguagem), mas essa linguagem se dá, ela constitui, ela transforma. Ignorar esse lado da questão é estabelecer para sempre a multiplicidade dos sistemas simbólicos (e, por conseguinte, institucionais) e sua sucessão como fatos brutos a propósito dos quais nada haveria a dizer (e ainda menos a fazer), eliminar a questão histórica por excelência: a gênese do sentido, a produção de novos sistemas de significados e de significantes. E, se isso é verdade em relação à constituição histórica de novos sistemas simbólicos, o é também quanto à utilização, a cada momento, de um sistema simbólico estabelecido e dado. (CASTORIADIS, 1982, p. 168).*

Não há interesse, portanto, em demarcar de forma inequívoca a exata origem de fatores que contribuíram para o surgimento de um setor comercial de caminhoneiros e sua expressividade,

mas, sim, observar factíveis nós que interligam os dias vividos pelo Coronel Duarte e o senso empreendedor de sujeitos relacionados às práticas profissionais do transporte em Iconha. Novamente, com referência ao filósofo grego acima citado, cabe entender que:

o homem só existe na e pela sociedade - e a sociedade sempre é histórica. A sociedade como tal é uma forma, e cada sociedade dada é uma forma particular e mesmo singular. A forma implica a organização, em outras palavras, a ordem (ou, se assim preferir, a ordem/desordem). (CASTORIADIS, 1987, p. 236).

Assim, acredita-se que, a cidade de Iconha, nascida com base na capacidade empreendedora do Coronel Antônio Duarte, vivencia, atualmente, uma externalização de aspectos coletivos que pode ter sido introduzida pela imigração italiana e reproduzida pelos seus descendentes, em tempos presentes.

Ou seja, o “elemento novo”, além de cumprir o objetivo da iniciativa de trazer imigrantes europeus para o Brasil, contribuiu para criar, nos territórios em que se instalaram, uma lógica social diferente da lógica dos ditos coronéis existentes. O argumento aqui não tem o objetivo, portanto, de garantir que Iconha, dos dias atuais, esteja hermeticamente incólume ou mesmo que reproduz na totalidade aspectos da figura do Coronel Duarte, presente no imaginário social das gerações envolvidas. Todavia, os autores deste documento entendem, sim, que existe uma coletividade e um empreendedorismo latente na cidade de Iconha, representados, especialmente, pelas instituições geridas pelos empresários do Setor de Transporte Rodoviário de Cargas, os quais foram e são pautados por aspectos socioculturais introduzidos por imigrantes italianos. E, tais aspectos tiveram, por sua vez, conexões com as atitudes, sobretudo comerciais, empreendidas pelo Coronel Duarte.

Outro ponto que parece emergir, mediante o contexto histórico da região, consiste na percepção de que a reprodução de alguns fatores culturais – como a confiança, cooperação, solidariedade, reciprocidade e espírito do trabalho do imigrante italiano – possuem influência na construção e sustentação da organização socioempresarial dos transportes em questão. E, esta organização, ao se fortalecer, consolida igualmente as razões que a permitiu ser criada.

Deste modo, é pertinente também concordar com a ideia de Castoriadis (2004) de que tanto as significações imaginárias da sociedade como as instituições por si produzidas, quando criadas, se cristalizam, ou seja, tornam-se sólidas. Fato este que dá permissão à continuidade, reprodução e repetição de tais formas, as quais sustentam a vida humana pelo período necessário até que qualquer transformação histórica lenta, ou mesmo alguma mutação súbita, possa proporcionar uma alteração ou troca radical por outras formas. O invólucro simbólico criado (no e) pelo Coronel Duarte – já embebido pela condição quase *sine qua non* que cargos ou posições de evidência em âmbitos políticos, sociais e comerciais regalam ao sujeito – ratifica, enfim, as palavras apresentadas por Castoriadis (1982, 1987, 2004).

Essa via de mão dupla ganha intensidade no episódio da história de Iconha, sobretudo, no que se refere à relação indissociável entre o coronel e a sociedade local. Duarte, por meio de vasto currículo comercial, carregado de simbolismo e inspiração, não deixa de ser o outro receptáculo de imaginários produzidos (na e) pela população local. Em outras palavras, o Coronel Duarte não realizou “tudo” o que realizou, dentro de um universo de isolamento exclusivo de sua pessoa, nem tampouco em nome do anonimato, em nome da razão ou, ainda, em nome de alguma obrigatoriedade impositiva advinda de imagináveis instâncias superiores. O empreendedorismo de Duarte se deu dentro de um contexto social-histórico constituído de pessoas, as quais estavam a ele amalgamadas tanto por elementos “reais” (tais como: moeda, mercadorias, terras etc.), como, também, por elementos simbólicos (modelos comercial e político, poder, prosperidade, entre outros).

Duarte fortalece a figura do “coronel” graças à sociedade local, não apenas nos âmbitos (ditos) severos e impositivos que todo “coronelismo” poderia promover. Ainda, é factível dizer que se constituiria uma aposta de altíssimo risco assumir a inexistência, em Iconha, de traços deixados por Duarte, ao longo da formação social, cultural, política e mercantil da cidade.

Portanto, não seria impensável acreditar em admissíveis amarrações e conexões sociais-históricas, percorrendo o imaginário de indivíduos e populações, majoritariamente italianas (residentes da Vila de Iconha, em anos finais do século XIX), influenciando e, reversamente, sendo influenciadas pela conduta, personalidade e atitudes, sobretudo empreendedoras, do Coronel Duarte. Assim sendo, a pesquisa conclui que seria impossível negar que tais conexões não pudessem ter alcançado, por meio de novos descendentes italianos, já miscigenados, os dias presentes desse município, que, como já supracitado, abriga atualmente o maior núcleo de caminhões por habitante do país.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.

CAMPOS JÚNIOR, C. **O Novo Arrabalde**. Prefeitura Municipal de Vitória, Secretaria Municipal de Cultura e Turismo. Vitória, 1996.

CAPRINI, A.B.A. **O Comércio como Propulsor do Poder Político em Iconha: o Coronel Antônio Duarte (1889-1915)**. 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.

CASTORIADIS, C. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. O imaginário: a criação no domínio social-histórico. In: **Os Domínios do**

**Homem:** encruzilhadas do labirinto II. São Paulo: Paz e Terra, 1987. p. 236, 240-241.

\_\_\_\_\_. Imaginário e imaginação na encruzilhada. In: **Figuras do Pensável:** as encruzilhadas do labirinto VI. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 130-131.

CASTRO, J.M.M. **Iconha:** origem e história. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 2003.

CAVATI, J.B. **História da Imigração Italiana no Espírito Santo.** Rio de Janeiro: Ed. São Vicente, 1973.

FRANÇA, F.C.T. **Criação e Dialética:** o pensamento histórico político de Cornelius Castoriadis. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 23.

IHGI - Instituto Histórico e Geográfico e histórico de Iconha. **Iconha através de Imagens.** Iconha, 2008. CD-ROM.

PANDOLFI, R. **Imigração Italiana no Espírito Santo e a Construção de um Capital Simbólico:** uma reflexão sobre os empresários em Colatina. 2007. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.

\_\_\_\_\_; VASCONCELLOS, J.G.M. Organizações Familiares, Cultura Italiana e Desenvolvimento Local: um estudo do caso do Espírito Santo. **XXIX ENANPAD, Anais,** Brasília: ANPAD, 2005.

PRADO JR., C. **Formação do Brasil Contemporâneo.** 19ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SIMÃO, I. **História de uma Colonização:** Iconha e Piúma. Iconha: s/ editora, 1ª ed., 1987.  
\_\_\_\_\_. **História de uma Colonização:** Iconha e Piúma. Iconha: s/ editora, 2ª ed., 1991.

VASCONCELLOS, J. G. M. **A Invenção do Coronel:** ensaio sobre as raízes do imaginário político brasileiro. Vitória: Editora da UFES, 1995.



**Rodrigo Kuyumjian** Mestre em Administração pela Universidade Federal do Espírito Santo. Graduado em Comunicação Social, com Habilitação em Marketing pela Universidade Mackenzie (2000). Especialização em Semiótica Psicanalítica pela Pontifícia Universidade Católica, PUC-SP. Possui MBA Executivo em Administração de Empresas, com ênfase em Meio Ambiente, pela Fundação Getúlio Vargas, FGV-SP. Tem experiência com projetos sociais em aldeias africanas (Moçambique), responsabilidade social (BHP Billiton - MOZAL II), sustentabilidade, adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas (Fundação CASA - antiga FEBEM/SP), dentre outros. Atualmente, é Gerente Social no Instituto IDEIAS - Iniciativas Sustentáveis.

**João Gualberto Moreira Vasconcellos** Professor Titular aposentado da UFES, onde lecionou no curso de graduação e administração e também no mestrado da mesma área. Coordenou linhas de pesquisa denominada Capital Cultural, Desenvolvimento e Poder Local. Diretor da Futura Pesquisa e Consultoria, com atuação nos estados da Bahia e Espírito Santo. Pesquisador Associado do CIAGS/UFBA. Possui doutorado em Sociologia Política na EHESS, Paris, França. Autor, dentre outros livros, de *A Invenção do Coronel*, Edufes, 1995 e co-autor com Roberta da DaMatta de *Fé em Deus e Pé na Tabua*, Rocco, 2010.

**Marcelo Zandomingue Monti** Consultor sênior em estratégia organizacional e conselheiro do Instituto Innovare, Vitória, Espírito Santo, onde coordena projetos de desenvolvimento empresariais e públicos, inclusive de cidades. É mestre em Administração pela Universidade Federal do Espírito Santo e suas áreas de interesse em pesquisa incluem estratégia organizacional, desenvolvimento de cidades e capital social.

**Sérgio Robert de Sant'Anna** Professor Adjunto do Departamento de Administração da Universidade Federal do Espírito Santo. Suas áreas de interesse incluem marketing, consumo e semiótica.